

ENTREVISTA | SANDRA GÓMEZ VELÁSQUEZ

DIRETORA DE MARKETING DA MUBI PARA A AMÉRICA LATINA

‘Há cineastas que constroem suas carreiras a partir dos festivais’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Tem pérolas das mais preciosas com DNA MUBI, o ecossistema digital de distribuição pautado por curadoria humanizada (ou seja, mais interesse no risco autoral, do que no lucro capitalista clássico), na programação do 74º Festival de San Sebastián, em fricção nas telas da Espanha a partir desta sexta-feira. A grife espalha sua presença por diferentes secções de Donostia (nome da cidade Basca no dialeto local), confirmando o avanço da plataforma no território da distribuição de cinema de autor.

Entre as suas maiores apostas está “Hope”, explosiva ficção científica de CEP sul-coreano de Na Hong-jin que passou pela competição de Cannes e integra agora a prestigiada Perlak. A mesma seção acolhe ainda dois títulos associados à MUBI: “Coward”, novo filme do belga Lukas Dhont. Já a irreverência de “Acampamento Miasma” (“Teenage Sex and Death at Camp Miasma”), de Jane Schoenbrun, dos EUA, ganha espaço na mais experimental Zabaltegi-Tabakalera. Há ainda “Moscas”, do mexicano Fernando Eimbcke.

O conjunto dá à empresa uma espécie de festival dentro do festival e reforça a transformação da MUBI: de plataforma dedicada à cinefilia, tornou-se uma distribuidora capaz de acompanhar os filmes desde os grandes certames internacionais até às salas e ao streaming. Às vésperas da abertura do festival espanhol, Sandra Gómez Velásquez, diretora de marketing da MUBI em nuestro continente, conversou com o Correio sobre o lugar dos festivais na circulação do cinema de autor, a importância do mercado brasileiro e a tentativa que a MUBI faz para ultrapassar os limites do streaming e estabelecer uma relação presencial, corpo a corpo, com sua comunidade.

Qual é o papel estratégico dos festivais internacionais, sobretudo San Sebastián, para a circulação dos filmes da MUBI e para a própria consolidação da plataforma como uma marca ligada à curadoria?

Sandra Gómez Velásquez - Os festivais são importantíssimos. São centrais na estratégia de qualquer filme que tenha um criador ou uma criadora por trás e, para a MUBI, são espaços fundamentais. Há muito a fazer e muito a ver neles. Contribuem em termos de curadoria e também de negócio, para descobrirmos filmes que eventualmente podemos adquirir, além das relações e do networking. Há cineastas que constroem suas carreiras a partir dos festivais. São espaços que dão prestígio e ajudam a posicionar uma carreira e uma cinematografia.

O Brasil é um país territorialmente enorme e existe aqui uma relação particular da cinefilia com a MUBI, inclusive no meio acadêmico. Qual é a importância estratégica do país para a plataforma?

O Brasil é central dentro da nossa estratégia. É um mercado e um território que nos importam muitíssimo. É um público profundamente curioso e interessado em cinema e

cultura. Para a MUBI, isso é ideal: podemos apresentar nossos filmes e as pessoas os recebem com muita curiosidade e interesse. Queremos estar cada vez mais presentes localmente, sendo percebidos como participantes da própria oferta cultural brasileira.

O MUBI Fest tornou-se uma ferramenta importante para apresentar filmes que depois terão uma vida nas salas e no streaming. Como o festival funciona dentro desse ecossistema?

Existe um diálogo entre o MUBI Fest e tudo o que fazemos. Para nós, ele é um espelho da curadoria da plataforma, mas tem uma característica fundamental: tira-nos do streaming e leva-nos de volta à tela grande. Queremos encontrar o público dentro da sala de projeção, estar com as pessoas e encontrar presencialmente essa comunidade que construímos e que normalmente está diante da tela do telefone ou em casa. O streaming oferece essa possibilidade democrática de assistir a um filme em qualquer lugar, mas o encontro na sala de cinema é muito importante para nós.

O MUBI Fest brasileiro parece ter sofisticado sua curadoria, misturando lançamentos, clássicos restau-



Divulgação

“A MUBI é um ecossistema que procura prolongar a vida dos filmes dentro e fora da tela”

rados e cinema nacional. Como foi desenhada a edição de 2026?

É um equilíbrio entre várias possibilidades. Em primeiro lugar, o cinema local nos importa muitíssimo. O cinema brasileiro é central na curadoria da MUBI. Neste ano, temos cinema brasileiro e também cinema brasileiro restaurado. Teremos “Xica da Silva”, além de um programa dedicado a Eunice Gutman, uma cineasta pioneira e feminista. Ela estará presente e teremos uma conversa com ela e com a curadora de sua sessão, a pesquisadora Susana Fuentes. É uma oportunidade muito rara de escutar diretamente uma das vozes fundadoras do cinema feminista brasileiro e conhecer sua história. Também temos cinema restaurado internacional, como “Model”, do lendário Frederick Wiseman, e uma versão restaurada de “Videodrome”, de David Cronenberg, cineasta com quem mantemos uma relação de longa data. Depois vêm as estreias nacio-

nais e o cinema contemporâneo do mundo. O fio condutor é sempre a presença de um criador, de uma visão autoral por trás de cada filme.

Se tivesse que definir a MUBI hoje, para além da ideia de uma plataforma de streaming, como a definiria?

A MUBI é um ecossistema em torno do cinema. É um ecossistema que procura prolongar a vida dos filmes dentro e fora da tela. Temos uma revista, um podcast, o streaming, distribuímos filmes nos cinemas e fazemos eventos como o MUBI Fest, que leva uma vez por ano o melhor da nossa curadoria aos territórios onde estamos presentes.

E qual é, especificamente, a importância de San Sebastián dentro desse circuito internacional da MUBI, dada a quantidade de títulos da MUBI por lá?

San Sebastián é um dos festivais que acompanhamos em função dos filmes que integram a nossa programação. É um dos grandes espaços do circuito de festivais em que temos presença e por onde passam nossos filmes.

Você destacou a recuperação de “Xica da Silva” e a homenagem a Eunice Gutman. Para além do MUBI Fest, qual é a importância do cinema brasileiro para a MUBI e como imagina o futuro dessa relação?

O cinema brasileiro é importante e central na estratégia da MUBI. É um cinema que queremos continuar apoiando e redescobrimo, inclusive através de seus clássicos. E queremos permanecer próximos dos cineastas que estão trabalhando agora, apresentando seus filmes nos grandes festivais do mundo, e com os quais podemos estabelecer relações e acompanhar suas carreiras.